

Desafio da América Central

por José Casado
de São Paulo

Anthony Motley, o empresário imobiliário do Alasca que deixa a Embaixada dos Estados Unidos no Brasil para assumir, quinta-feira, o cargo de secretário de Estado adjunto para Assuntos Interamericanos, tem um grande desafio pela frente: negociar uma "solução pacífica" para o conflito armado na América Central.

Motley deixou claro ontem, em São Paulo, que essa é a melhor alternativa para os Estados Unidos. Explicou que, na perspectiva de Washing-

ton, o objetivo é evitar que a Nicarágua "faça uma revolução sem fronteiras". Isso significaria "uma ameaça aos países vizinhos", até porque considera que a revolução sandinista estaria desvirtuada do seu enunciado original: "Ela foi roubada por grupos marxistas cubanos", diz.

Mas, ao justificar a pressão política e militar dos Estados Unidos sobre o governo sandinista, Motley deu a medida da delicadeza de sua tarefa: "Não é política do presidente Reagan mandar tropas para a América Central".

Na semana seguinte à indicação pública de Motley para

a Subsecretaria Adjunta, o Departamento de Estado anunciou que estavam sendo enviados 120 novos assessores militares norte-americanos para a "base de treinamento" em Honduras. Desses, 93% eram "boinas-verdes", membros da tropa de elite que atuou intensamente na Guerra do Vietnã.

O grande problema de Motley, agora, é negociar uma saída sandinista, preferencialmente sem elevar o grau de envolvimento militar dos Estados Unidos no conflito. Ele começa pedindo paciência: "Não vamos resolver isso da noite para o dia".